

A história de Bizâncio foi uma “experiência sociológica” que durou um milênio. Ela podia ter durado muito mais se o seu absolutismo, baseado no exército, não tivesse conduzido êsse Império à catástrofe.

Bizâncio tinha uma missão espiritual: a de fazer reinar o Cristianismo sôbre tôda a terra. E, si o imperador não era mais, como em Roma, um deus, prestava-se-lhe, entretanto, um culto como um eleito de Deus. O soberano era envolvido no Palácio, por uma Administração, que, apesar de muitas ocupações fúteis e custosas, governava o Império, às vêzes de maneira notável. Louis Bréhier no I volume tratou de tôda a história política de Bizâncio até a sua queda. No II volume consagrou capítulos muito bem documentados sôbre os grandes Serviços do Estado: justiça, finanças, diplomacia, correio imperial, exército, marinha. Em tantos séculos, os costumes políticos muitas vêzes se transformaram — e nem sempre no bom caminho...

O papel e o estatuto, tão importante, da Igreja em Bizâncio foram examinados. Podemos acompanhar a sua evolução até a expansão monástica dos últimos séculos, que foi também uma das causas da queda do Império com a criação de Igrejas nacionais.

No III volume Louis Bréhier apresenta a vida material e a vida intelectual sob todos os seus aspectos. Podemos acompanhar a vida familiar bizantina do “nascimento até sua morte”, graças às vivas descrições da habitação, dos costumes, das cerimônias e de todos os refinamentos dessa civilização evoluída. Podemos ver a metrópole com seus palácios, suas igrejas, seus quarteirões ricos ou miseráveis, seu famoso hipódromo. Visita-se as cidades da província, toma-se conhecimento da vida rural, assim como das indústrias de luxo, inclusive a da tecelagem da sêda.

Depois o Autor descreve o alto nível da literatura, onde todos os gêneros foram cultivados. A gênese da evolução da arte, da arquitetura, do célebre mosaico, da pintura, são examinados pormenorizadamente. E Louis Bréhier mostra a imensa parte que cabe à cultura bizantina no Renascimento do Humanismo ocidental. É obra que se recomenda muito especialmente aos nossos alunos de História Medieval.

E. S. P.

* *
*

PINHO (Clemente Segundo). — *Santiago de Compostela na fé e na cultura. Língua e religião*. Lisboa. 1965.

Êstes dois opúsculos constituem separatas da *Revista de Portugal*, vol. 30, Lisboa, 1965. No primeiro, o ilustre professor da Faculdade de Filosofia de Araraquara estuda o papel “na fé e na cultura”, de Santiago de Compostela, “o mais frondoso centro de peregrinações medievais, equivalendo a Roma e Jerusalém, na atração das multidões de todos os quadrantes”. No segundo trabalho, o autor cuida de alguns exemplos expressivos do condicionamento histórico-cultu-

ral da evolução lingüística, como instituição social. “Tal como a arte — lembra o Professor Pinho — a língua, guarda independência da religião ou pode estar a ela intimamente associada. Conforme o sentido interno de segurança, uma religião pode adotar as novas formas propostas pela moda, ou ignorar a revolução estética, ou reagir, ressuscitando ou revalidando velhos padrões. (...) De início ou nos períodos de renovação, as religiões tornam-se instrumentos de notáveis progressos estéticos, mas quando são aceitas, cristalizadas nos seus cânones, relativamente imutáveis, tornam-se conservadoras. Qualquer inovação é uma heresia. As formas estéticas como a linguagem se cristalizam em padrões cíclicamente estáticos. A linguagem ritualística exige, muitas vèzes, até mesmo uma correta inflexão tonal, não pode jogar nem com a sinonímia. As igrejas vivas, no entanto, se adaptam, renovam-se interna e externamente. A tendência das religiões organizadas é, contudo, tornarem-se arcaizantes. Tal misonismo se apresenta no terreno moral, estético, lingüístico, político”. No que tange à expressão lingüística é o que o autor procura demonstrar, ao longo de mais de cinquenta pequenos tópicos, todos de grande erudição e de grande interesse não apenas para a lingüística, mas igualmente para a história da Igreja e das religiões em geral.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* *
*

MOLLAT (Michel). — *Genèse médiévale de la France moderne (XIV-XVe siècles)*. Librairie Arthaud. Paris. 1970, 395 pp. 182 ilustrações.

O Autor, professor da École Pratique des Hautes Études (Sorbonne), é medievalista bastante conhecido. Tem se distinguido também como o grande impulsionador dos Congressos Internacionais de História Marítima. Portanto, um livro de Michel Mollat é sempre recebido com satisfação.

Quando acaba a Idade Média? Quando começa a Europa moderna? Essas são as perguntas iniciais que fazemos ao terminar a leitura do livro em apreço. As divisões cronológicas da História são meras convenções pedagógicas e variam de país para país. Todas as características da medievalidade e da modernidade caracterizam a França dos séculos XIV e XV. Obra examina a história da França nesse período, em que as características estão misturadas, onde as discordâncias não são excluídas e os constrictes são bem visíveis.

Entretanto, o desastre da Guerra dos Cem Anos gerou a nação. O desenvolvimento do Estado francês só desabrocha no final de uma evolução em que os momentos mais sombrios e mais baixos correspondem à guerra civil. O recuo demográfico, acentuado pela Peste de 1348, foi compensado lentamente no século XV. Um esforço, sem cessar renovado, acabou por triunfar de uma longa depressão conjuntural. A mais profunda e mais desprezada miséria está lado a lado com a riqueza e o mundanismo. Profundamente perturbadas, as consciências evoluíram, apesar de tudo, para uma religião mais personalizada. No mesmo ritmo as inteligências se orientam para novas soluções, sempre guiadas pe-